

A cultura mundializada nos contos de Ulises Juárez Polanco: uma leitura de *En El Viento* e *Dolor Profundo*  
Globalized culture in Ulises Juárez Polanco's tales: a reading of *En El Viento* and *Dolor Profundo*

Mayra Moreira<sup>88</sup>  
Milton Hernán Bentancor<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> Mestranda do programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Ensino de Língua Inglesa – FEEVALE (2010). Tutora presencial de Letras Português, Inglês e Literatura – Faculdade Anhanguera pólo Caxias do Sul.  
Assessora Pedagógica de Gestão – SMED Caxias do Sul. maymore@yahoo.com

<sup>89</sup> Doutor em Letras – Universidad del Salvador (2001), escritor e autor de diversos artigos acadêmicos. Professor adjunto II da Universidade de Caxias do Sul no programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Atualmente está participando

**RESUMO:** A evolução da sociedade gera a modificação dos costumes e das práticas dos indivíduos. A linguagem, como prática culturalmente contextualizada e partilhada, se modifica e se amplia independente do idioma falado pelas comunidades. Com as facilidades tecnológicas a nossa disposição, o consumo de qualquer produto cultural acontece em diversas formas, idiomas e mídias, o que aumenta o acesso global dos mesmos. Neste artigo, busca-se refletir sobre o uso de léxias de língua inglesa dentro de uma narrativa escrita em espanhol e a mundialização das referências culturais cotidianas das personagens dos contos *Em el viento e Dolor profundo*, de Ulises Juárez Polanco.

**Palavras-chave:** cultura mundializada, interação e língua.

**ABSTRACT:** The society evolution generates the modification of customs and practices of individuals. Language, being a culturally contextualized and shared practice, also changes and expands regardless of the language spoken by the communities. With the technological facilities at our disposal, the consumption of any cultural product happens in various forms, languages and medias, which increases its global access. In this article, we seek to reflect on the use of English language in a narrative written in Spanish and the globalization of cultural references of characters' everyday life in the stories: *En el viento* and *Dolor profundo* of Ulises Juárez Polanco.

**Keywords:** globalized culture; interaction and language.

## 1. Introdução

Há séculos atrás, povos de regiões separadas geograficamente não teciam relações além das que a necessidade de comércio ou de sobrevivência lhes impunha. Contudo, mesmo com poucos fios condutores, esses povos eram (de certa forma) obrigados a conviver e conseqüentemente a realizar, muito lentamente, trocas culturais. Com o passar dos anos, as práticas culturais desses grupos sofriam cruzamentos de características e de elementos simbólicos, o que gerava a flexibilização do tradicional e propiciava novas formas de representação de costumes. O processo lento de trocas entre grupos distantes sofreu grande aceleração após a criação de duas teias fundamentais para os dias atuais, a televisão a cabo e a *internet*. As profundas mudanças sociais ocorridas como reflexo desse *boom* tecnológico, da segunda metade do século XX, influenciaram o intercâmbio e o consumo de representações culturais de maneira exponencial.

Atualmente, percebemos de modo empírico que culturas dos mais distintos territórios, países e pessoas se espalham e são reproduzidas em diferentes meios de comunicação como forma de apresentar ao mundo outros “estilos de vida”. A interação entre pessoas de diferentes regiões geográficas tecem novas tramas todos os dias, inserindo ao nosso cotidiano informações, vivências e elementos artísticos que não pertencem ao que se convencionou como identidade regional ou nacional.

A vida das famílias se modificou graças à tecnologia da informação e a economia em rede, em que grandes companhias expandiram seus mercados de maneira global mostrando, de maneira constante, como suas criações são necessárias a todos os públicos, indiferente de quais sejam seus costumes. Dessa forma, as mercadorias globais, invasoras de nossas cozinhas e salas, interferem paulatinamente em nossas práticas diárias, até o momento em que se articulam de tal maneira com as práticas sociais vigentes que aos poucos são incorporadas como práticas locais.

De acordo com Bourdieu (1998), o reconhecimento da legitimidade de algo está relacionado ao lento processo de aquisição de práticas do meio. Sendo assim, poderemos observar como esta aquisição de práticas globais, se reflete no cotidiano e no acervo lexical das personagens da sociedade representada nos contos analisados. O estudo terá como base as referências a produtos culturais de países distintos durante a descrição de cenas ou durante a interação dos personagens. Ao mesmo tempo em que se analisará o uso de empréstimos e/ou estrangeirismos de língua inglesa em narrativas escritas, em Nicarágua, um país da América Latina, por um falante nativo de espanhol.

## 2. Ulises Juárez Polanco: uma das novas vozes da Hispano-América

No momento em que estamos escrevendo estas linhas, o autor nicaraguense está terminando de acomodar-se em Roma para usufruir a bolsa Valle-Inclán do governo espanhol, oferecida a um escritor hispano-americano em cada convocatória, para uma residência criativa na Real Academia de Espanha na cidade capital da Itália. Este é outro dos prêmios que o jovem escritor recebe.

Integrante da “Geração do desassossego”, este centro-americano de 31 anos (Managua, 1984) é autor de quatro livros de contos, o mais recente intitulado *La felicidad nos dejó cicatrices* (2014), publicado na Espanha e na América Central.

Em 2011, a Feira Internacional do Livro de Guadalajara o nominou como um dos *25 secretos mejor guardados de América Latina*, um projeto para “desenhar uma estrada das letras que se gestam ao longo e largo do continente, 25 vozes e linguagens para decifrar, hoje, América Latina”, segundo declaram os organizadores. A sua qualidade o levou a ser um dos dois autores que conseguiram estar presentes em ambos volumes da *Antología de La novísima narrativa breve hispanoamericana*, que reúne os escritores de ficção, menores de 27 anos, mais promissores. Os seus contos foram traduzidos para inglês, francês, alemão e português, ao tempo que aparecem em antologias e revistas tanto na América como na Europa. Fazendo um pouco de memória, no ano de 2009, Polanco mereceu uma bolsa de escritor do governo mexicano no Programa de *Residencias artísticas para creadores de Iberoamérica* no México. Com formação acadêmica em Letras, Direito e Diplomacia, Juárez Polanco é uma das personalidades mais criativas e inquietas do mundo cultural artístico do seu país, fundando revistas, participando de encontros de narradores, preparando e participando de antologias (*Retrato de poeta con joven errante*, *Muestra de poesía nicaraguense escrita por jóvenes* [2005], *Poetas, pequeños dioses* [2006]); trabalhando como chefe de redação e editor de *Carátula*, revista cultural centroamericana e *El hilo azul*, a revista literária do Centro nicaraguense de escritores, coordenador do projeto cultural *#Los2000, autores nicaragüenses del nuevo milenio* e coordenador da página dominical de cultura do jornal *El nuevo diario* (de Nicarágua), para o qual também foi correspondente no México e no Brasil.

Toda esta atividade cultural, criativa e literária tem sido premiada em diversos concursos em seu próprio país e no estrangeiro. Sua qualidade se observa nas suas narrações -tanto as breves quanto as novelas- ainda que neste artigo específico centremos nossa atenção nas primeiras.

Em palavras de Gioconda Belli:

Los jóvenes representados en esta muestra, por el contrario, emergen desde la realidad postmoderna, post-heroica, de una Nicaragua asolada por la mediocridad y retornada a una situación histórica

quasi colonial, donde ni siquiera los villanos poseen el digno perfil de los arquetipos. Los monstruos de nuestro laberinto no son Minotauros: son los hombrecitos de los paraguas de Magritte. No inspiran pasión, inspiran lástima.

Como lembra Francisco Ruiz Udiel no seu artigo *Poesía invocada: Antología de poesía joven nicaraguense*, no ano de 2005, a poeta utilizou, nesse mesmo prólogo, a palavra “desassossego” para descrever ao grupo de escritores nascidos naquele país centro-americano e que iniciaram a suas publicações nos primeiros anos do novo milênio. Nesse momento, a escritora conterrânea considerou que o mundo abstrato da construção de propostas da identidade desses jovens criadores era o desassossego, um mundo sem guia, sem propósito, cuja viagem interior ia em direção à desilusão ou à uma aparente fatalidade da condição humana. No mesmo artigo, Ruiz Udiel lembra que anos após, a também poetisa Helena Ramos os batizou como a “Geração da Noluntad”, já que, segundo ela, nas criações destes escritores predomina a vontade de não querer praticamente nada.

Sem querer discutir as ideias das escritoras mencionadas, desde nossa perspectiva a narrativa de Juárez Polanco percorre caminhos de um realismo feroz, com lampejos de humor (que conseguem apaziguar algumas dores) e uma atenção com foco profundamente humano à condição do ser humano. Descreve os medos, as dúvidas, as misérias da sociedade na qual ele mesmo vive, com as palavras e as cores que utiliza cada dia, com a transparência de quem não se assusta com o que vê, com a tranquilidade que dá o fato de não ser hipócrita.

Se bem é certo que as personagens dos contos de Ulises Juárez Polanco vivem em Manágua (a sua Manágua) bem poderiam ser habitantes de qualquer outra cidade latino-americana. Os tipos escolhidos e descritos são muito similares aos que poderíamos encontrar em várias metrópoles do continente, essa *mundialização* dos perfis humanos não será apenas desde a perspectiva das ações ficcionais, mas também desde a sua cultura.

### 3. A mundialização cultural

Conforme afirma Moreira (2008, p.32), as ações humanas, na atualidade, são orientadas e fomentadas por seus significados simbólicos e o “consumo simbólico de bens formaria uma cultura-mundo, cujos ícones, independente do idioma falado ou do segmento em que se encontraria um agente social qualquer, seria reconhecido em todas as partes do globo”.

A cada semana, são lançados novos produtos para estimular o consumo. No contexto social de duas décadas atrás, era necessário esperar meses (ou até anos) para que acontecesse a disponibilização deste mesmo produto em muitos locais do mundo. No contexto cultural que vivemos hoje, esse fato parece inconcebível. Considerando que vivemos em um tempo no qual filmes e séries são lançados em *previews* ou *premieres* mundiais, que *shows* são realizados em turnês mundiais e televisionados para todos aqueles que não podem ou não querem estar fisicamente no espetáculo, mas que querem e podem opinar, de qualquer lugar que estejam, usando o *twitter* do evento, não podemos negar a *mundialização* de nossas interações socioculturais; as mesmas que são retratadas nos contos do escritor nicaraguense.

Pode-se afirmar que apesar do esforço das grandes editoras em lançar *Best Sellers* para serem devorados mundialmente, o mercado editorial encontra-se ainda um pouco mais lento que as mídias concorrentes. No entanto, esse fato não impede que a tecnologia e suas redes se sobreponham a indústria e que não seja possível a leitura de obras ainda não disponíveis fisicamente em determinados países ou idiomas. Assim como os filmes e séries tem a capacidade de dramatizar os comportamentos diários dos espectadores de seus países de origem, eles influenciam a forma como espectadores de outras partes do mundo os vêem. Conceitos de amizades multiculturais e cidades cosmopolitas como exemplos a serem seguidos são oferecidos a todos que assistem televisão ou cinema. Conceitos estes que influenciam o estilo de vida dos grupos, inclusive de acadêmicos, de escritores e dos demais agentes sociais que consomem suas produções escritas.

A influência do mundo culturalmente globalizado pode ser amplamente observado no conto *En el viento* pois começa a ganhar vida antes mesmo do título do conto. O autor Ulises Juárez Polanco utiliza um trecho de uma canção *folk* do americano Bob Dylan como epígrafe. Durante o conto sobre a experiência de um advogado que defende uma acusada de assassinar o marido, e descobre que em realidade o crime é uma trama que envolve a família da mulher, ainda que ela se responsabilize por tudo, a presença de símbolos mundiais como referência para o enredo das personagens principais inicia no segundo parágrafo do conto analisado. “*Abí, aparecí yo, ofreciendo mis servicios como si fuera la reencarnación de Johnnie Cochran, Helena Kennedy o cualquier otro.*” (p. 17). Nesse momento, em que o narrador da história inicia sua apresentação por sua profissão e compara-se com dois grandes criminalistas sendo o primeiro, o americano Johnnie Cochran (conhecido por defender o astro de futebol americano O. J. Simpson) e, a segunda, a britânica Helena Kennedy (advogada e radialista membro da Câmara dos Lordes) pode-se observar, pelo contexto do conto, que ele é um advogado nicaraguense, que traz ícones mundiais como exemplo da sua profissão. Na sequência da autoapresentação, a personagem faz outra referência a ícones

da cultura mundial para relatar que seria advogado até quando seu ouvido não conseguisse distinguir entre uma canção de “*Los Beatles y una de Los Bukis*” (p.18).

Ainda no início do conto, quando o criminalista começa a descrever sua cliente, é possível perceber influências de símbolos da cultura norte-americana, pois os pais de Patrícia põem sobre a mesa uma foto da moça sorrindo na *Times Square*. Mas as alusões a proximidade que esta sociedade tem com produtos mundializados continua com a observação que o advogado faz em relação à irônica ligação entre o caso e a publicidade da nova temporada da série *Desperate Housewives* que aparece ao fundo da foto. Cabe salientar aqui, que o advogado só pode contextualizar o nome da série (Donas de casa desesperadas) de forma irônica aos fatos e as informações sobre Patrícia porque conhece, de alguma forma, o seriado e seu conteúdo.

Além disso, pode-se observar que as características da personagem a ser defendida são reveladas através de outro jogo cultural. Quando o leitor descobre que o nome da acusada de assassinar o próprio marido é Patrícia Bates, estabelece-se a relação com o famoso psicopata Norman Bates, personagem que pode ter chegado ao conhecimento do leitor pela leitura da obra de Robert Bloch (*Psycho*, 1959), pelos filmes de Alfred Hitchcock (Psicose I, II e III) ou pela atual série de televisão *Bates Motel*.

Em qualquer um dos casos, os reflexos da influência que a população mundial sofre através do contato e do consumo com os produtos culturais continuam sendo parte importante do enredo durante todo o conto. O advogado, Sr. Duboso (que lembra *Duda* do espanhol ou *Doubt* do inglês) faz muitas referências ao México e também a casos em que trabalhou quando estava nos Estados Unidos, inclusive mencionando a *KuKluxKlan*, sociedade secreta racista, cujos atos violentos e que apoiavam a supremacia branca, repercutiram mundialmente.

Outras informações importantes que corroboram a afirmação da grande quantidade de referência ao intercâmbio mundial que são trazidas ao leitor deste conto, são os nomes do esposo de Patty, John Court (que cresceu na Austrália), bem como de vários outros lutadores que fazem parte do Conselho Mundial de Luta Livre e os convites recebidos para ir morar na América do Norte. No entanto, Sr. Duboso vai além do intercâmbio físico quando ao recordar um de seus casos menciona a transmissão do mesmo nas redes de televisão, quase que em escala mundial. O advogado lembra como a notícia se espalhou: “*TV Notícias em Nicaragua hasta Al Jazeera en Qatar, desde CNN en Atlanta hasta la londinense BBC*”(p. 20).

Sendo assim observa-se que:

Na virada do século, percebemos que os homens encontram-se interligados, independentemente de suas vontades. Somos todos cidadãos do mundo, mas não no antigo sentido, de cosmopolita,

de viagem. Cidadãos mundiais, mesmo quando não nos deslocamos, o que significa dizer que o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano. (ORTIZ, 1996)

Em relação a este mundo que penetra nosso cotidiano, fica explícito no conto o vasto conhecimento, que hoje é mundialmente disseminado, de filósofos e escritores que tiveram grande impacto no comportamento da sociedade ao longo da história da civilização ocidental. Esta afirmação se faz possível através das citações que o advogado faz durante sua defesa. Em apenas seis frases, a personagem cita os autores Camus (Argelino: 1913-1960), Víctor Hugo (Francês: 1802-1885), Racine (Francês: 1639-1699), Disraeli (Inglês: 1804-1881) e a Bíblia.

Ainda em relação aos cidadãos mundiais que nos tornamos, quase que sem o menor esforço, o conto mostra-se muito rico trazendo pequenos detalhes da sociedade representada na rotina de suas personagens: Patrícia conta que frequenta um restaurante chinês, Duboso entrevista uma testemunha (um garçom japonês) que não fala espanhol e a família Bates abre um vinho francês para comemorar o contrato com a *WWE*.

Continuando a análise a que este estudo se propõe, podemos afirmar, sem espaço para dúvidas, que as personagens criadas pelo autor em questão fazem parte de uma sociedade mundializada no caráter mais positivo que esta afirmação possa ter. Mundialização que se observa nos (ínfimos e não tão ínfimos) detalhes e nas asseverações (como as do advogado no início do relato) que –como já mencionamos anteriormente– dão um toque de fino humor à narração.

Esse universo misturado de escritores, personagens (mais ou menos) célebres, séries televisivas, nacionalidades, idiomas e até elementos como uma garrafa de vinho ou uma empresa de entretenimento, só se fazem possíveis na atual situação que vivemos na sociedade; realidade que marca que muitas fronteiras têm sido destruídas pelas relações (culturais e pessoais) que os meios de comunicação oferecem.

O segundo conto escolhido para análise, *Dolor profundo*, apresenta a história de um homem que perante a suspeita de gravidez de sua noiva, paga um aborto clandestino e descobre, nesse momento traumático, que não existia tal gravidez. Porém, ao acompanhar a narrativa da intenção da personagem em “festejar” a notícia com a sua amante, o leitor saberá que esta sim já está com dois meses de gestação.

Ao iniciar a leitura deste conto, já é possível encontrarmos, na segunda linha, uma importante referência a um dos ícones da literatura mundial:

“Qué recomienda el manual de instrucciones cuando nuestro rostro se asoma al espejo y uno no se reconoce? Soy un fugitivo, Gregorio Samsa después de la metamorfosis, no soy el de hace unas semanas. He cambiado. Bruscamente” (p.107) .



Este é um exemplo de que as relações culturais estão presentes a muito mais tempo do que se pensa no senso comum e que elas se fazem extremamente necessárias. Não se pode questionar a importância de um autor de contos contemporâneos ter lido Kafka, nem a de acadêmicos das Letras reconhecerem que a menção ao personagem de

*Metamorfóse* pelo personagem de *Dolor profundo* é bastante simbólica.

Poderá ter quem diga que é apenas uma mostra da cultura do autor, das suas leituras. É fácil acompanhar esse raciocínio, mas ao colocar essa frase no início de um conto, automaticamente se superam os limites da sapiência do escritor para alcançar a intenção de compressão que ele tem em relação aos seus leitores. Gregório Samsa transforma-se em símbolo universal que o “leitor ideal” deveria entender neste contexto.

Quando na sequência da narrativa, o personagem Julio Cortés inicia a descrição do Mercado Oriental, um dos espaços do conto, pode-se observar a globalização de mercado, marcada naturalmente com os mísseis SAM 7 ou submarinhos russos, como algo natural e rotineiro para a sociedade ali representada.

Es sábado por la mañana y el Mercado Oriental está a reventar. El corazón del comercio capitalino es una gran mancha que desde arriba, cuando los aviones pasan rumbo al Aeropuerto Internacional, parece una orbe en miniatura dentro de Managua, muñecas rusas urbanas. Aquí se promete desde un alfiler hasta mansiones completas, y si las leyendas son ciertas, misiles SAM 7, submarinos rusos hasta una avioneta cuyo descubrimiento, sin aparecer en los noticieros de nota roja, se trató de aquella bautizada como Narcojet. Todo aquí tiene precio. Todo. (p.107)

Cabe ressaltar que as relações sociais e o contato entre comunidades sempre estiveram presentes e influenciaram, de forma subjetiva, flexível e aleatória, a dinâmica da produção artística e cultural. Exemplo desta afirmação é que Juárez Polanco não foi o primeiro -e nem será o último autor- a utilizar a mundialmente conhecida alegoria do labirinto do Minotauro para fazer com que o leitor sinta a angústia de seu personagem.

Partindo para referências do mundo contemporâneo, no momento em que a personagem está saindo do mercado que lhe sufocava, se recorda de sucessos de algum franco-atirador gringo – lamentavelmente célebres pelas repetidas ações perpetradas em diferentes pontos daquele país- e ao descer do táxi para em frente à estação de rádio *Shack*. Mas antes de esta saída, que parece algo a mais que saída, uma fuga; o trato que fecha o personagem central com o Senhor dos berços (nome bastante irônico ao entender-se que ele praticava abortos clandestinos) se selará com um abraço. No momento em que

é chamado para terminar o negócio planejado, o Senhor dos berços dirá: “*Porque soy tan fino en mi trabajo que hasta las madres me confían sus bebés, nadie se dará cuenta bróder*” (p.110 – sublinhado dos autores). Além dos aspetos culturais que podem ser observados com o trato dispensado entre estes personagens, chama atenção a naturalização do uso da palavra de origem inglesa, com escrita espanhola (até com o acento agudo correspondente as regras de ortografia hispana). O uso de *bróder* como cumprimento utilizado por um personagem obscuro do relato, que certamente não representa a fatia da sociedade nicaraguense compromissada com a sociolinguística, explicita cada vez mais a ideia central da mundialização cultural que estamos vivendo e retratando na literatura contemporânea.

Continuando o conto, o narrador apresentará a personagem Luisa Ventura, uma moça de vinte e cinco anos, que dentro do enfoque deste estudo é a personificação das relações que ocorrem na sociedade mundialmente conectada, não apenas de forma virtual ou mercadológica, mas também cultural e física: “*Su madre era una costeña descendiente de garífunas y su padre un chele británico que trabajó para BBC*” (p.112). No caso específico que foi apresentado, a amante do personagem central é filha de uma mulher descendente de um grupo étnico com raízes indígenas miscigenado com escravos nesta região do Caribe e um homem de origem europeia, que chamava a atenção pelo branco da sua tez e o loiro (talvez albino) do seu cabelo. Dessa mistura, surge Luisa Ventura com seus rasgos físicos e psicológicos que marcam a relação com Julio Cortés e o final do conto.

Nesse sentido, cabe refletir, como a cultura internacional tem papel de destaque na constituição das memórias da humanidade e como as novas produções interagem e integram esses conhecimentos mundialmente disponibilizados.

#### 4. O léxico mundializado

Para todas as interações sociais é necessário o uso de uma língua e, ao longo dos séculos, a linguagem de cada grupo humano colaborou para a constituição de suas especificidades em relação aos outros grupos.

Na forma de sociedade em que se vive hoje, o registro escrito é de enorme importância e a observância ao que compõe seu léxico é visto como algo que faz parteda essência da nação e reafirma a identidade nacional de quem está escrevendo. Além disso, o acervo lexical de uma determinada língua natural representa parte de seu patrimônio cultural, registrando seus conhecimentos do universo e identificando semelhanças ou distinções em relação aos outros grupos. Contudo, a sociedade tornou-se interligada e interdependente dos mercados, tecnologias e informações que não estão mais apenas nos

documentos burocráticos e jurídicos do governo, mas que estão também disponibilizadas em redes da *web* e em aplicativos móveis.

A imensa quantidade de informação disponível a todos, todos os dias, nem sempre está na língua adotada pelo país em que a pessoa que precisa da informação nasceu ou vive. Para ter acesso a estas informações, os falantes vão aos poucos ampliando seu acervo lexical e incorporando palavras e conceitos que não pertencem ao seu idioma oficial. Esta afirmação, além de embasada pela prática diária, retoma Crystal (2006, p.53), quando este afirma que “nenhuma língua existe de forma isolada. Todas as línguas em contato se influenciam mutuamente”. Assim, ao longo do tempo a língua local vai sendo modificada conforme o gosto de seus falantes:

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. (CASTELLS, 2005)

Para uma parte da população, o uso de léxico estrangeiro parece carregar consigo o poder irreversível de acabar com características e elementos locais que compõem marcas de nossa identidade cultural. Não se pode negar que os falantes variam em muito suas reações e respostas ao uso de estrangeirismos e que algumas são de aceitação ou de negação exageradas. Porém, este trabalho foi escrito sob a ótica de que a cultura e a linguagem são produtos da interação humana e de que os grupos sociais resignificam seus costumes através do contato com conceitos vindos de outros grupos. Nesse sentido, cabe refletir como a cultura internacional teve papel de destaque na constituição das ações socialmente orientadas durante os contos estudados e como as especificidades do grupo em questão são representadas através do léxico escolhido, seja ele em espanhol ou inglês.

Compreender a cultura como um sistema de mediações, como defendido por Ortiz (1996) e Moreira (2008), consiste em entender o uso da língua como o uso de qualquer outro objeto existente na sociedade. Sendo assim, a cultura e seus produtos é que organizam o uso de ferramentas específicas, neste caso o idioma, para atividades específicas, possibilitando a mediação da relação do ser humano com o mundo através de objetos materiais, porém simbólicos como por exemplo: um livro de contos.

Ao longo da vida escolar, aprendemos que uma língua apenas se sobressai em relação à outra pelo poder representado por quem as falam. Mas, sabe-se que o poder pertence a diferentes segmentos, podendo ser político, militar, tecnológico, econômico e, também, cultural. Podemos afirmar que cada

um destes segmentos impulsionou e influenciou o crescimento do uso da língua inglesa por falantes não nativos em diferentes épocas, desde o Colonialismo até a Revolução Industrial. Durante a leitura realizada dos contos, pode-se observar que o poder da língua e cultura inglesa, na sociedade representada, é avassalador, manifestando-se em muitas situações da vida das personagens (desde as séries televisivas escolhidas como exemplos até o vocabulário utilizado por elas) e traz consigo a ideia de mundial e inovador através da influência, principalmente, da cultura estadunidense.

Crystal (2006) afirma que durante a história da expansão da língua inglesa pelo mundo a tendência é de que quando uma língua adota palavras do inglês ela as adapta em termos de som e grafia, fazendo com que a mesma evolua. No entanto, é interessante retomar que este procedimento não é observado na escrita dos contos estudados, salvo pela grafia –já marcada neste artigo– de *bróder* no conto *Dolor profundo* (“*soy tan fino en mi negocio que hasta las madres me confían sus bebés, nadie se dará cuenta bróder*”).

Os símbolos mundiais têm seus nomes com a grafia do inglês e em grande parte nos remetem a locais dos Estados Unidos da América, uso que reforça o conceito de inovação tanto da luta livre quanto da vida que as personagens teriam. O uso de expressões de origem anglófona pode ter como motivação, em menor escala, a falta de termos na língua oficial do país onde se passa a história ou então, apenas a mundialização dos nomes e termos utilizados.

De acordo com Isquierdo e Oliveira (2001, p.9), o léxico de uma língua “constitui o acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”. Sendo assim, este vive em constante expansão visto que, os falantes da língua buscam adaptar novas formas de dizer algo criando novas palavras, e/ou adotando palavras estrangeiras com o objetivo de explicar e comunicar ao seu grupo sobre novos conceitos não existentes em seu idioma. E assim, a medida que o autor utiliza o léxico como recorte de realidades da sociedade por ele criada, esse acervo vocabular revela fatos de cultura da sociedade real. Podemos citar como exemplo do processo de naturalização do externo a cultura local, conforme afirma Bourdieu (1998), o fato da estação de rádio do conto *Dolor profundo* chamar-se *Shack* e não *Chozza*, que seria a unidade lexical correspondente em espanhol.

Em relação à escolha de ícones que habitam de maneira principal ou apenas como pano de fundo para o conto *En el viento*, como por exemplo, o seriado *Desperate Housewives* e a referência aos *reality shows*, pode-se perceber a força do contato com produtos que não são originalmente produzidos no espaço em que se passa o conto mas, que são consumidos pela sociedade que lá vive. Sobre essa preferência de uso, cabe destacar o que Biderman (2001, p.109) traz sobre escolhas léxicas em que “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o próprio modelo, refletindo uma cosmo visão que lhe é própria”.

Com a evolução da sociedade global é natural que a língua como um organismo em constante mudança receba influências exteriores e crie mecanismos para aceitar ou rejeitar esses elementos. Deve-se ainda considerar que o empréstimo de expressões estrangeiras para uma língua revela que a globalização não se prende somente aos aspectos econômicos dos países, mas também marca sua presença intrusa na comunicação e interação de um grupo. É possível observar o quanto os idiomas estão em contato de maneira usual nas sociedades representadas nos contos estudados. Um exemplo é o trecho de *Dolor profundo* que segue:

Quando Mr. Ventura intentó por todos los medios posibles llevar a su nueva familia a Londres, para residir y disfrutar *the civilized style of life*, en la sangre de Emilia Sambola retumbó su sangre garífuna. [...]  
 -¡Jamás! ¡Yo no me voy allá! ¡Yo muero aquí! You bastard, I knew it all the time... ¡Esta niña no será esclava, no lo será, por mis ancestros que ya no están que no lo será!  
 -¿Pero de qué estás hablando?  
 -Ahorita mismo nos vamos, nos vamos... You know the history of my people! (p.115).

É interessante observar que nesta discussão entre estes personagens, de origens tão diferentes, ambos utilizam a língua inglesa com fluidez e uma certeza absoluta que apenas é possível após longos períodos de contato. Frases completas, estruturas organizadas (gramatical e semanticamente) de maneira correta e com sentido específico na situação vivenciada. Com o detalhe que ambos –tanto o homem europeu quanto a mulher de origem indígena- misturam essas expressões em língua inglesa no meio de um discurso organizado em perfeito espanhol.

Paralelamente, o narrador deixa de lado a espanholização dos termos (como tinha feito com o inicial *bróder*), para fazer uso do inglês gramatical. A língua inglesa se apresenta então não apenas em um vocábulo “perdido”, mas transforma-se em uma opção de idioma, marcando –além de tudo- o convívio e o conhecimento mútuo existente entre os integrantes desse casal.

Caso o leitor sinta a necessidade de classificar se o que Ulises Juárez Polanco utiliza em seus contos são estrangeirismos ou empréstimos, cabe aqui explicar que esse não foi o ponto central deste estudo e que estas diferenciações estão em uma linha tênue, pois como afirma Câmara Júnior (1984, p.111) em seu dicionário de linguística e gramática: “Em referência às construções sintáticas, a diferença entre estrangeirismos e empréstimos é imprecisa e está, apenas, em maior ou menor sensação de naturalidade”.

Sobre os contos estudados, é possível afirmar que as palavras que não pertencem ao léxico da língua espanhola já estão naturalizadas e fazem parte da rotina do grupo. Os termos utilizados por

Sr. Duboso durante sua narrativa ou por Emilia Sambola em sua discussão com Mr. John Ventura, nada mais são do que o reflexo dos termos que circulam em seus grupos culturais ou em suas casas. Esta observação traz à memória a seguinte afirmação de Pozenato (2003, p.11) “a ideologia do texto produzido por determinado integrante de uma cultura é reflexo da ideologia de todo o grupo cultural”.

## Considerações finais

O contato com novas culturas através de seus produtos expande a compreensão do ser humano em relação às semelhanças e diferenças dos grupos. Da mesma forma, o consumo de programas de televisão, músicas e livros expande o acervo lexical das pessoas. Em uma leitura atenta dos contos de Ulises Juárez Polanco, pode-se afirmar que o contexto social tem papel fundamental para a percepção da mundialização cultural em que estamos enredados. Biderman (200, p.15) retoma que cada grupo social forja seu “instrumental linguístico para designar conceitos novos” e que no mundo contemporâneo é muito frequente o uso de anglicismos, pois estes se propagam por todas as línguas.

Através da narrativa, do andamento do processo ou dos diálogos que estabelece, o advogado do conto *En el viento* constrói não apenas sua imagem ou dos demais envolvidos, mas também expressa a sociedade em que vive. No decorrer da interação, a personagem evidencia intertextualidades e conhecimento de arte e filosofia, bem como suas mudanças lexicais denunciam a relação que os espaços e a sociedade nicaraguense tem com a América do Norte. A utilização de um léxico exterior ao idioma oficial ou a língua materna pode ser uma forma de o autor atender a novas necessidades relacionadas à nomeação, a estética do texto ou o momento histórico em que o enredo está relacionado.

Como afirma Moreira (2014, p.1528) “a escolha por um modo de falar em detrimento de outro depende do interlocutor, do tópico e do contexto. Deste modo, percebe-se que [...] os interlocutores buscam relações de identificação cultural”. Sendo assim, acredita-se que as referências globais utilizadas no conto analisado refletem a aquisição de práticas reconhecidas como legítimas na sociedade ali representada.

Este estudo não busca respostas sobre a influência da globalização ou da utilização de léxico estrangeiro na literatura, ele busca apenas contribuir para que literatura e língua percorram caminhos em parceria e que ao ler um conto, possa-se perceber que toda escolha de léxico é simbólica.

*“The answer, my friend, is blowin’ in the wind”*

## Referências:

- BELLI, Gioconda. La juventud no tiene donde reclinar la cabeza (Prólogo) In: *Retrato de poeta con joven errante*. Manágua: Leto Ediciones, 2005. p.16
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. 188p. Tradução: Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Denice Barbara Catani, Paula Montero e José Carlos Durand.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente a língua portuguesa*. 11ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 8.ed. São Paulo: Paz e terra, 2005. 698p. Tradução: Roneide Venancio Majer.
- CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. 150p.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Organizadoras. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.
- JUÁREZ POLANCO, Ulises. En el viento. In: *La felicidad nos dejó cicatrices*. Granada: Valparaíso Ediciones, 2014. p. 17 - 28.
- JUÁREZ POLANCO, Ulises. Dolor profundo. In: *La felicidad nos dejó cicatrices*. Granada: Valparaíso Ediciones, 2014. p. 107 - 118.
- MOREIRA, Mayra. Mudanças de enquadre e ocorrência de *footing* nas falas de Mestre Amaro. In: *Revista Philologus* – ano 20, nº60. Rio de Janeiro: CiFeFil, set/dez 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/60supl/121.pdf>
- MOREIRA, Moisés Simões. A Mundialização da Cultura e a Cidadania Cosmopolita no Brasil: um diálogo possível? In: *SABER ACADÊMICO - REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA UNIESP - n° 06 - Dez. 2008*, p.29 a 44. Disponível em: <http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/5.pdf>
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1996, 234p. 2ª reimpressão.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: Reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

RUIZ UDIEL, Francisco. Poesía invocada: Antología de poesia joven nicargüense. In: *Revista Hispamérica: revista de literatura* – año 37, n°111. Estados Unidos, 2008. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3000884>